

NÚCLEO AGRÁRIO TERRA E RAIZ E COLETIVO DE PRODUÇÃO: A AGROECOLOGIA EM UMA ABORDAGEM CRÍTICA MATERIALISTA

Débora Amorim de Paula¹
Debora de Oliveira Carvalho²
Isabella Leonel Ferreira Saraiva³
Raquel Santos Sant'Ana⁴

RESUMO

O objetivo desse artigo é tratar sobre a aproximação do Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA) com a Agroecologia, diante das atividades desenvolvidas pelo coletivo de produção. Atualmente, desenvolve um trabalho alinhado à Agroecologia, sendo um grupo de extensão comunicativa e popular da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Franca, com 21 anos de atuação na questão agrária e compoendo na luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), nos assentamentos e acampamentos de Franca e região. Assim, os trabalhos dividem-se por coletivos: de gênero, educação e produção. O último, coletivo de Produção, surge em 2017 com a necessidade de compor no estudo e na prática da Agroecologia, contrária ao agronegócio, que se pauta no alinhamento teórico de análise materialista e crítica da sociedade, essencial para a compreensão dessa abordagem usada por parte significativa do MST. Dentre os projetos encaminhados pelo coletivo, tem-se o Espaço Agroecológico, o Núcleo de Estudos em Agroecologia e o desenvolvimento de um Sistema Agroflorestal (SAF) na Moradia estudantil da Unesp Franca, trabalhos esses que se complementam entre si, teórica e praticamente. A importância dessa união de estudo e prática com a perspectiva de extensão comunicativa e popular faz-se complementar para que seja possível romper com os paradigmas da atual ciência e sociedade do saber, que produz um conhecimento engessado a favor da manutenção do sistema de produção capitalista baseado ruralmente na reprodução do agronegócio como ideal de tecnologia e ciência do campo.

Palavras Chaves: Extensão Popular, Agroecologia, Questão Agrária

1. Introdução

O Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA) - grupo de extensão comunicativa e popular da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) - Universidade Estadual Paulista (UNESP) no campus Franca –é composto por cerca de 30 integrantes e desenvolve, desde 2017, um trabalho alinhado aos princípios da Agroecologia.

O grupo completou 21 anos de atuação na questão agrária e segue compoendo a luta com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) dos assentamento e

¹ Graduanda no curso de Direito pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNESP Franca e integrante do grupo de extensão Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA)

² Graduanda no curso de Serviço Social pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNESP Franca e integrante do grupo de extensão Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA)

³ Graduanda no curso de Serviço Social pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNESP Franca e integrante do grupo de extensão Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA)

⁴ Professora Dr^a do Departamento de Serviço Social e coordenadora do Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA)

acampamentos de Franca e região. Na realidade, o NATRA faz a defesa e o apoio aos diversos movimentos que compõem a Via Campesina, como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Os integrantes do grupo pertencem majoritariamente aos cursos de humanidades sendo eles: direito, história, relações internacionais e serviço social e, também compreendem a luta dentro do latifúndio do saber, a universidade, portanto compõem em conjunto o movimento estudantil buscando alinhar através da extensão popular e comunicativa a democratização dos espaços universitários, buscando o diálogo entre espaços urbanos e rurais.

Atualmente o NATRA é organizado em três grupos denominados de “Coletivos” (Produção, Gênero e Educação), os quais buscam se utilizar de uma maneira horizontal de autogestão alinhando suas atividades a prática e estudos teóricos sobre determinados assuntos que compõem a temática de cada coletivo. Depois cada subgrupo socializa com todos os participantes os trabalhos desenvolvidos, criando assim um grupo orgânico e atuante. O Coletivo de educação desenvolve trabalhos na escola do assentamento 17 de Abril em Restinga, SP ou com cirandas infantis buscando de forma horizontal fortalecer a identificação das crianças com campo através de estudos que se aproximem da realidade onde elas estão. O Coletivo de Gênero é responsável pela formação de gênero no grupo e, também em todas as atividades desenvolvidas pelo Coletivo de produção e educação, buscando incluir esse debate nas abordagens pois compreendemos a necessidade de luta constante para construirmos relações mais igualitárias, desconstruindo constantemente as reproduções dominantes tanto em níveis individuais e de convívio com o grupo quando em sociedade. O Coletivo de Produção será apresentado a seguir de maneira mais detalhada pois este é o objetivo desse artigo.

2. O Coletivo de Produção do NATRA

O subgrupo denominado de Coletivo de Produção do NATRA que será aqui abordado foi rearticulado no ano de 2017, e é composto por 12 estudantes dos quatro cursos presentes na universidade e, coordenado por uma profissional do Serviço Social. Este Coletivo já esteve presente em vários momentos da atuação do grupo, mas a sua retomada se deu a partir do objetivo de realizar estudos teóricos e práticos acerca da agroecologia, tanto dentro da universidade quanto em conjunto com a comunidade assentada da região de Franca e Ribeirão Preto, SP. Ademais, recentemente o coletivo tem desenvolvido algumas atividades, como o Espaço Agroecológico, o Núcleo de Agroecologia e um Sistema Agroflorestal (SAF) na Moradia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca e que serão abordados a seguir.

As atividades desenvolvidas durante o ano de 2017 por este Coletivo foram: o Núcleo de Agroecologia e o SAF da moradia estudantil da UNESP de Franca. É importante mencionar que o grupo participou de um edital sobre agroecologia e nesse processo iniciou o debate sobre a temática, mas depois, duas visitas de campo a SAFs nos assentamentos Mário Lago de Ribeirão Preto-SP e 17 de Abril de Restinga, SP⁵

⁵É importante evidenciar que ambos os assentamentos – Mário Lago e 17 de Abril – constroem seus SAFs a partir da perspectiva da agroecologia. Nesse sentido, o contato do grupo com esses SAFs foi essencial para entender a construção do mesmo e da transição agroecológica, visto que esse é um princípio essencial da agroecologia.

Além disso, atualmente, o NATRA desenvolve atividades na escola Leonor Mendes de Barros – do primeiro ao quinto ano – no assentamento 17 de Abril, com intuito de fortalecer a identidade das crianças

foram essenciais para a aproximação do grupo na discussão sobre a agroecologia. Desse modo, as atividades realizadas pelo coletivo em 2017 e nesse ano de 2018 mostram o propósito do grupo e, conseqüentemente, do Coletivo de Produção que é valorizar e compartilhar os diversos tipos de saberes sobre a agroecologia.

O Núcleo de agroecologia e Direitos Humanos foi organizado pelo NATRA e iniciou suas atividades no segundo semestre de 2017 com objetivo de reforçar o estudo, pesquisa e prática em agroecologia e, agregar aos núcleos parceiros das áreas de humanas que mantêm a interlocução com o grupo como é o caso do grupo da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ), da Faculdade de Serviço Social de Universidade Federal Fluminense (UFF) -campus Rio das Ostras e, da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

No ano de 2017, o NATRA construiu, em conjunto com os parceiros acima mencionados, um evento que reuniu pesquisadores de 12 estados brasileiros para discutir a temática “Movimentos Sociais, Agroecologia e soberania alimentar”. O evento foi um sucesso de público com quase 300 participações e os trabalhos discutidos durante o evento ficarão disponíveis no e-book que está sendo finalizado.

No Núcleo de Agroecologia e Direitos Humanos as dinâmicas de estudos foram planejadas pensando no compartilhamento coletivo de informações, e a garantia de uma construção horizontal do saber entre os membros que compõem diversas áreas do saber pois, temos os estudantes de humanidades como direito, serviço social e relações internacionais mas, também, biólogos e agrônomos da região de Franca.

Optamos por trabalhar com variados instrumentos de estudos fazendo a junção de artigos e livros científicos com o uso de curta metragens e documentários. Durante o primeiro semestre de estudo, tentamos desvendar os paradigmas da produção do conhecimento para compreender a raiz epistemológica da agroecologia e como ela é construída em nossa sociedade moderno industrial, isto é, ao que se opõe a agroecologia? Para isso procuramos compreender a perspectiva hegemônica presente na agricultura brasileira dada pelo agronegócio e, para isso dividimos em temas menores como, agrotóxicos, agropecuária, trabalho no campo, fome, paradigmas do conhecimento. Após debatermos esses assuntos, iniciamos leituras introdutórias a agroecologia, onde cada membro do grupo compartilhou sua visão e os textos lidos. Estes estudos evidenciaram a diversidade teórica no debate sobre a temática da agroecologia e sua perspectiva ora plural, ora eclética; esse debate ainda está em construção e o grupo continua buscando conhecer as matrizes que sustentam diferentes linhas teóricas que se apropriaram da agroecologia. Entre as reuniões teóricas fazemos manuseios ou visitas a espaços agroecológicos.

O Desenvolvimento de Sistema Agroflorestal em espaços urbano/coletivos compõe as atividades teórico/ prática do Núcleo. Na realidade, desde 2017, o grupo está construindo uma experiência piloto na moradia na UNESP Franca. O objetivo é alinhar o teórico com a prática, trabalhando a agroecologia em espaços urbanos e coletivos. Iniciamos fazendo o reavivamento do espaço com um sistema de mandala, e como o solo era arenoso e pouco fértil, procuramos consorciar milho, feijão e abóbora, mandioca, embaúba e bananeira buscando deixar o solo mais fértil com culturas apropriadas e resistentes.

como sem terras e, conseqüentemente, a educação do campo, onde as atividades desenvolvidas são estudadas e preparadas pelo Coletivo de Educação do NATRA. Porém, ao longo de seus 20 anos o grupo, já desenvolveu outras atividades no assentamento, como oficinas de gênero, cinema da terra, atividades voltadas para a informática e entre outras.

Os cuidados do SAF, ficam entre os moradores e os integrantes de núcleo, que realizam reuniões conjuntas, priorizando as decisões dos moradores que convivem diariamente com o espaço. Através das oficinas realizadas buscamos construir uma coletividade e uma noção de que a agroecologia muda não apenas a forma como tratamos a terra, mas também as nossas relações pessoais e interpessoais com a sociedade. O resultado dessa experiência foi um aumento de moradores participantes das atividades durante esse ano de 2018. Atualmente o SAF conta com um mapeamento das mais de 50 espécies de plantas existentes em suas estruturas, e no sistema de mandala possui um consórcio de hortaliças e feijão escolhidos pelos próprios moradores que também optaram por incluir PANCs (Plantas Alimentícias não convencionais) no sistema.

Por último, temos o Espaço Agroecológico que iniciou suas atividades em 2018. O Espaço Agroecológico nasce a partir da ideia da criação de uma Feira da Reforma Agrária na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca em conjunto com os/as trabalhadores/as do assentamento 17 de Abril de Restinga no ano de 2017.

A criação dessa feira na universidade é de extrema importância diante da conjuntura política nacional, do então presidente Michel Temer, que anunciou a extinção do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e sua fusão com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), resultando assim no atual Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. Essa medida trouxe um desmonte aos programas de fortalecimento da agricultura familiar bem como dos programas de créditos aos pequenos agricultores, como os cortes anunciados ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Os cortes feitos ao PAA atingiram os pequenos agricultores, dificultando assim a escoação de suas produções. Desse modo, a realização da Feira da Reforma Agrária se colocava como alternativa ao fortalecimento dos pequenos agricultores, assim como da escoação da produção dos/as assentados/as do assentamento 17 de Abril.

Além disso, a proposta do grupo era fortalecer o debate com essa comunidade assentada sobre a produção sem a utilização de venenos, uma vez que nem todos os produtores desse assentamento produzem de forma agroecológica.

Ocorre que nesse processo, a direção do campus negou a realização Feira na faculdade alegando impedimentos institucionais da universidade para comercializar alimentos – mesmo o grupo argumentando a importância do acesso da comunidade acadêmica a alimentos saudáveis e o debate acerca da questão agrária na faculdade -, evidenciando as dificuldades burocráticas e políticas de trazer para dentro da universidade a agricultura camponesa e os movimentos sociais. É importante ressaltar, no entanto, que mesmo o grupo tendo um parecer negativo da direção para a realização da feira, a comunidade acadêmica como um todo sempre apoiou para que essa atividade fosse efetivada.

A partir desses entraves para a realização da feira, o grupo decidiu elaborar um novo projeto denominado como “Agroecologia no campo e na cidade: construção de saberes e vivências”, o qual prevê a não exatamente uma feira, mas uma série de atividades denominadas como Espaço Agroecológico. Esse projeto elaborado foi enviado a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX) e foi posteriormente aprovado no ano de 2018.

As atividades do Espaço Agroecológico estão sendo desenvolvidas em conjunto com a comunidade assentada do assentamento 17 de Abril e, principalmente, com os/as estudantes do Coletivo de Produção na UNESP Franca. Os objetivos da realização dessas atividades estão para além da disponibilização de produtos saudáveis a preço de custo; incluem também suscitar através desse espaço a discussão sobre a soberania

alimentar e a agroecologia; a promoção do acesso da comunidade acadêmica a alimentos saudáveis; a aproximação do produtor com o consumidor, promovendo a troca de conhecimentos e saberes populares e fortalecimento da escoação da produção dos assentados.

O Espaço Agroecológico prevê o debate sobre a questão agrária como um todo através de rodas de conversas e cine debates com temáticas previstas entre os produtores e a comunidade acadêmica. Desse modo, as atividades do Espaço estão em processo construção. As atividades iniciaram em abril e são quinzenais. Até a presente data ainda está funcionando parcialmente, pois a rádio camponesa que irá divulgar o espaço ainda não está sendo realizado devido as tensões ainda existentes com a direção em função da disponibilização dos produtos da reforma agrária no campus e que compõe a atividade permanente prevista no projeto.

O desenvolvimento dessas três atividades tiveram resultados positivos, pois foi possível perceber que a comunidade acadêmica tem se interessado a conhecer/experimentar alimentos que não são comuns em suas alimentações, além troca de conhecimentos populares sobre a alimentação durante a disponibilização dos produtos.

Além disso, através das conversas estabelecidas entre o coletivo de produção e a comunidade assentada para a realização do Espaço, surgiu a ideia de ampliar o desenvolvimento das atividades deste, que teria agora também a venda de cestas a comunidade acadêmica da universidade e a realização de uma rádio camponesa.⁶ Essas atividades estão previstas para iniciar no segundo semestre de 2018, na qual a cesta será construída de acordo com a produção dos assentados e os interesses da comunidade acadêmica; já o desenvolvimento da rádio camponesa está em processo de construção, mas objetivo é trazer a discussão de diversas temáticas acerca da questão agrária e a divulgação do Espaço Agroecológico.

3. Linha teórica

Posto isso, mesmo que pontualmente é necessário evidenciar as diretrizes e bases teóricas usadas pelo Coletivo de Produção.

O Núcleo Agrário Terra e Raiz atua no apoio a luta pela terra e aos movimentos sociais, pois, entende que esse modelo de desenvolvimento rural hegemônico está alicerçado nos interesses do capital, seja ele agrário, industrial ou financeiro. É evidente que há diferentes interesses entre as diversas frações das classes dominantes, porém elas têm em comum a defesa da propriedade privada e das relações capitalistas no campo e na cidade.

Esse modelo de agricultura que historicamente foi sendo construído em nosso país permitiu a simbiose entre latifúndio e empresa rural e, com isso, manteve uma das estruturas agrárias mais concentradas do mundo onde o índice de GINI nunca foi menor que 0.8. ou seja, quase concentração absoluta. A atividade agrícola está assentada em produção em larga escala de um único produto, com utilização intensiva de agrotóxicos e maquinários de grande porte que compactam o solo; do ponto de vista do trabalho esse modelo de agricultura traz o assalariamento rural, via de regra, em condições precárias e a expropriação do homem do campo.

Essa forma de produzir contraria regras básicas da natureza como a biodiversidade, daí todo o investimento hoje voltado para essa agricultura que auto

⁶As atividades da cesta e da rádio camponesa teve outro projeto aprovado – “Espaço agroecológico: uma proposta interdisciplinar para promover a integração campo/cidade” no ano de 2018.

denomina de agronegócio, ser exatamente para viabilizar a produção em sistemas produtivos extremamente desequilibrados como é do sistema monocultural.

A hegemonia desse tipo de agricultura não é fruto do acaso, é resultado de relações capitalistas em âmbito planetário e, portanto, sua reversão ultrapassa a consciência objetiva dos sujeitos individuais.

Daí a importância dos diversos sujeitos coletivos que constroem hoje a resistência e esse modelo de agricultura, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento dos Pequenos agricultores (MPA) e suas práticas voltadas para os princípios da agroecologia.

A agroecologia é um campo do saber ainda bastante plural e/ou eclético, mas dentre as diferentes posições é importante destacar que o denominador comum é a defesa de um outro modelo de produção/ distribuição agrário e agrícola baseado na biodiversidade, em relações de respeito com a natureza e com os sujeitos envolvidos e que prevê troca de saberes e conhecimentos de maneira horizontal, sem a dicotomia entre o fazer e o pensar.

Conforme já explicitado pelo NATRA em suas publicações, entendemos que o debate sobre agroecologia requer ainda um debate epistemológico importante. Mas defendemos que:

a teoria marxiana nos permite uma perspectiva de totalidade e isso é fundamental para pensar agroecologia. O debate sobre sustentabilidade quando realizado na perspectiva do método marxiano evidencia a impossibilidade de sua efetivação nessa ordem sócio metabólica. Porém, traz à tona, também, que isso não inviabiliza a luta por transições parciais, que ainda que não tenham a potência de reverter a ordem social, contribuem efetivamente para a construção de uma nova ideologia do homem e sua relação com a natureza e isso é fundamental no processo de disputa hegemônica do modelo agrícola. (Carmo et al, 2017)

4. Considerações finais

Depreende-se, pois, que o presente trabalho realizado pelo Coletivo de Produção do NATRA, com uma perspectiva de extensão comunicativa e popular, procura enfatizar e enriquecer o debate sobre agroecologia pois, entende que é fundamental o respeito e a troca de saberes entre o meio acadêmico e os camponeses. Esse processo constrói a luta e resistência para sustentar a viabilidade econômico-social-política de uma outra leitura da realidade, em detrimento da atual produção do conhecimento acadêmico moldado, em sua maioria, pela reprodução de conhecimentos favoráveis ao agronegócio.

Os estudos destacam que agroecologia é uma ciência capaz de “dar suporte a uma transição a estilos de agricultura sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável.” (CORPORAL; COSTABEBER, 2014, p. 226). Ainda que tenhamos a concepção que neste sistema sócio metabólico do capital esse processo não seja possível de se efetivar por completo, urge avançar em propostas que mobilizem os sujeitos em busca de novas possibilidades.

Logo, o debate na perspectiva da agroecologia pelo Coletivo de Produção, através dos seus projetos, coloca-se em contraposição ao modelo hegemônico vigente.

Ademais, ele frisa a necessidade e a viabilidade de pensar em modelos de agricultura sustentáveis do ponto de vista produtivo, econômico e social.

O NATRA, como um todo, ao promover o debate sobre a questão agrária e os movimentos sociais a partir de uma perspectiva classista, traz uma efetiva troca de saberes e enriquecimento mútuos dos diferentes sujeitos envolvidos na extensão, no campus, na universidade e no assentamento com o qual o grupo trabalha. Tudo isso para que a cultura e os saberes construídos ao longo da história da humanidade pela agricultura familiar não sejam perdidos. Assim, urge, neste espaço, uma sociedade mais justa, igualitária e uma Universidade democrática e popular através da Agroecologia dentro do ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER J. A. Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. In: NOVAES, H.; MAZIN, A. D.;

CARMO. O. A; CARVALHO. D, O; SANT'ANA. R. S; SARAIVA. L. F. **Extensão comunicativa e popular e o debate sobre agroecologia: a interlocução do Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA)**. São Paulo, 2017, 12p

SANTOS, L.(Org.). **Questão Agrária, cooperação e agroecologia**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, v. 1, 2015, p. 263-283

BERGAMASCO, S. M.; NORDER, L. A. C. O Que São Assentamentos Rurais. 2. ed. Coleção Primeiros Passos, 2001.

NETTO, J. P. O Que é Marxismo. 9. ed. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, 1994.